

Moacyr Luz deve
emplacar samba
na Mangueira

PÁGINA 2



Luizinho Lopes
lança seu 10º
(e ótimo) álbum

PÁGINA 3



Dramas recentes
do Brasil em cena
no Glauce Rocha

PÁGINA 7



2º CADERNO



Divulgação Festival do Rio

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Aberto com uma visita de Forest Whitaker, numa sessão de gala de “Ghost Dog” no Odeon e uma retrospectiva invejável da obra de John Cassavetes (1929-1989), há 25 anos, o Festival do Rio garantiu ao Brasil visibilidade na rota internacional dos grandes estúdios e das produtoras mais indies ao construir uma história de louvação à autoralidade.

É invejável a lista de estrelas e cineastas que vieram aqui, em um quarto de século do evento, da belga Agnes Varda (1928-2019) ao portenho Ricardo Darín, incluindo o americano Alexander Payne, a francesa Irène Jacob, as inglesas Charlotte Rampling e Kelly Reilly, o dinamarquês Bille August, os poloneses Roman Polanski e Jerzy Skolimowski, o cubano

25 anos de braços abertos para o melhor do cinema

Começa hoje uma edição comemorativa de um quarto de século do Festival do Rio, que vai desfilas cerca de 300 produções inéditas nas telas do país

Fernando Pérez e a espanhola Marisa Paredes. Até a diva da Nouvelle Vague, Jeanne Moreau (1928-2017), congregou-se com o icônico Cacá Diegues no palco do Odeon, palco esse que receberá, hoje, a deleção do longa-metragem animado “Atiraram no Pianista”, da Espanha, no abre-alas de sua edição 2023.

Daqui até o dia 15, cerca de 300 títulos de 60 países terão espaço nobre em telas dos mais variados cantos da cidade, sobretudo no Estação Botafogo, Estação NET Rio e Estação NET Gávea. Medalhões como Lucia Murat, Julio Bressane, Luiz Fernando Carvalho e Luiz Carlos Lacerda se espalham pela Première Brasil, ao lado de novos talentos, como Lillah Halla, André Novais Oliveira, Luciana Bezerra, Carolina Markowicz, Silvio Guindane e Leonardo Martinelli. Laís Bodanzky comanda o júri da competição oficial.

Nas páginas seguintes, o Correio da Manhã preparou um mapa da mina para o que de melhor vai estar ao alcance das telas.

Continua nas páginas 4 e 5

CORREIO CULTURAL

Moacyr Luz perto de emplacar novo samba na Mangueira



Divulgação

Anneke e Hietala estão em turnê pela América do Sul

Anneke e Marko Hietala em versão acústica no Rival

O Teatro Rival recebe nesta quinta-feira (5) a dupla Anneke van Giersbergen e Marko Hietala no projeto “Six Strings and a Voice”, que passeia pela carreira da cantora holandesa e do cantor, baixista e violonista finlandês. No roteiro, Anneke e Marko fazem apresentações individuais e encerram a noite juntos no palco.

Um caso grave

A banda Aerosmith anunciou o cancelamento de todos os seus shows programados para 2023, devido a uma grave lesão vocal enfrentada pelo vocalista, Steven Tyler. A alteração na garganta era mais grave do que inicialmente se acreditava.

Tudo se aproveita

O badalado fotógrafo Bob Wolfenson usou a inundação de seu estúdio, ocorrida em fevereiro de 2020, para mostra de fotografia “Sub/Emerso”, em cartaz até o dia 5 de dezembro na galeria Senac Lapa Scipião, em São Paulo.

Famosa por ter sido a voz do The Gathering, Anneke liderou os grupos Agua de Anni-que e Vuur.

Já Hietala conta com passagens por Tarot, Sinergy e, principalmente, Nightwish, no qual ele ficou por 20 anos, período em que participou de discos clássicos da banda como “Century Child” e “Once”.

Bate-papo

Nesta quinta-feira (5), às 18h, Evandro Teixeira, um dos principais nomes do fotojornalismo brasileiro, participa de bate-papo no CCBB-Rio sobre a mostra “Evandro Teixeira, Chile, 1973”. A entrada é gratuita mediante retirada de senhas no local.

Reprise

A Globo bateu o martelo e decidiu que a novela “Paraíso Tropical” (2007) será substituída de “Mulheres Apaixonadas” no Vale a Pena Ver de Novo. A trama de Gilberto Braga e Ricardo Linhares foi indicada ao Emmy em 2008 e nunca foi reprisada.

Compositor é um dos finalistas na escolha do samba enredo da verde e rosa para 2024

A Estação Primeira de Mangueira escolhe neste sábado (7) o samba enredo que levará para a Marquês de Sapucaí no desfile de 2024. Entre as três parcerias finalistas, destaca-se a composição de número 17 assinada pelo vitorioso Moacyr Luz, autor do samba campeão da verde e rosa em 2022.

Ao lado de Pedro Terra, Gustavo Louzada, Karinah, Compadre Xico e Valtinho Botafogo, o veterano sambista está pronto para mais um momento especial na verde e rosa.

Moa e seus parceiros contam com a força de um samba de letra e melodia simples, que resgatam a essência de grandes obras da Estação Primeira. Talvez seja esse um dos grandes motivos que têm levado a comunidade ao êxtase nas apresentações, que tem Gilsinho como intérprete principal

Na letra do samba, a parceria exalta Alcione, a homenageada do enredo, com versos que enfatizam a altivez da Marrom, enquadrando com um refrão agradável e fácil, exaltando os erês e o samba, que jamais deve morrer!

“Erê, erê, erê! Não deixe o samba morrer! Erê, erê, erê! É meu pedido final A Mangueira ganhando mais um carnaval! A Mangueira ganhando mais um



Divulgação

Moa na quadra da Mangueira durante a semifinal

“Erê, erê, erê! Não deixe o samba morrer! Erê, erê, erê! É meu pedido final A Mangueira ganhando mais um carnaval! A Mangueira ganhando mais um carnaval!”

Trecho do samba

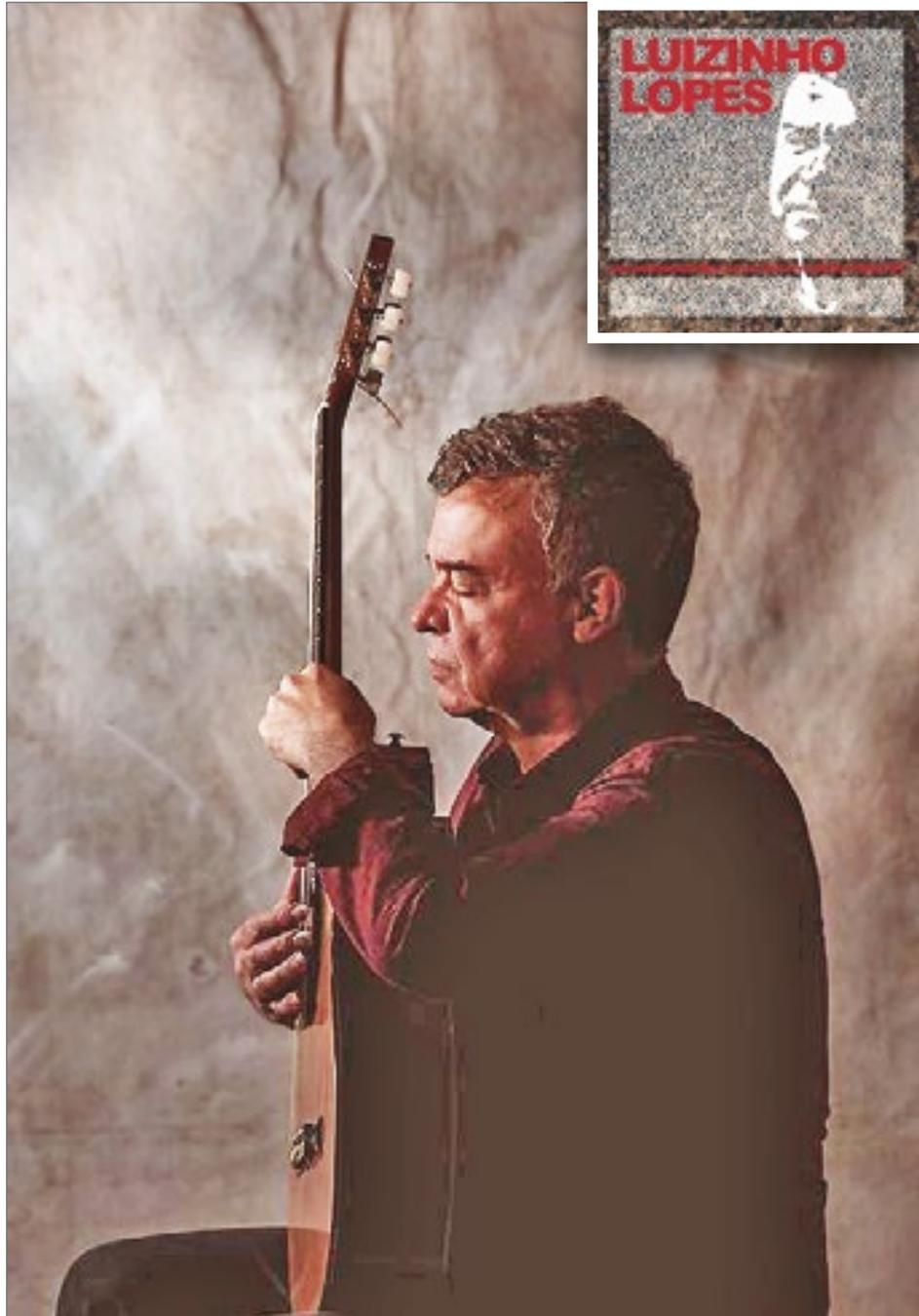
carnaval!”, diz o refrão final.

No carnaval 2024 a Mangueira será a quarta a desfilarmos

dia 12 de fevereiro, segunda-feira de folia, com o enredo “A Voz Negra do Amanhã”.

Um autor que foge da banalidade

Marina Costa/Divulgação



Em 'Como Seria Explodir Um Amor Tão Concreto Duro de Partir', Luizinho Lopes une harmonias sofisticadas e letras reflexivas

Cantor e compositor mineiro Luizinho Lopes lança 'Como Seria Explodir Um Amor Tão Concreto Duro de Partir', seu quinto álbum autoral

Por Affonso Nunes

O compositor, cantor e violonista mineiro Luizinho Lopes lança nesta sexta-feira (6) seu décimo álbum de autor, "Como Seria Explodir Um Amor Tão Concreto Duro de Partir?", em vinil e nas plataformas digitais. O Correio ouviu o trabalho com exclusividade e teve o prazer de conhecer um compositor maduro, dono de letras profundas e harmonias sofisticadas. "Este disco surgiu sem controle. Soa para mim como o inconsciente revelando sua poesia.", conta Luizinho.

Gravado nos estúdios Macieiras e Versão Acústica, em Minas Gerais, o disco tem direção musical de Marcos Filho, Dudu Viana, Salomé Viegas e Luizinho Lopes. A mixagem é do maestro Ricardo Itaborahy e a masterização de Luiz Tornaghi. A capa é assinada pela artista plástica Fernanda Cruzick.

O repertório é composto por 10 faixas, todas composições de Luizinho, exceto na canção "Em Menos de Um Minuto", em parceria com o premiado romancista Luiz Ruffato. A cantora mineira Natália Vargas participa nas faixas "Canção de Ninar Mãe", "Hóstia da Noite" e "Mudou o Tom". Outra participação especial é da Orquestra Sinfônica de São Petersburgo, da Rússia, na canção "Órbita".

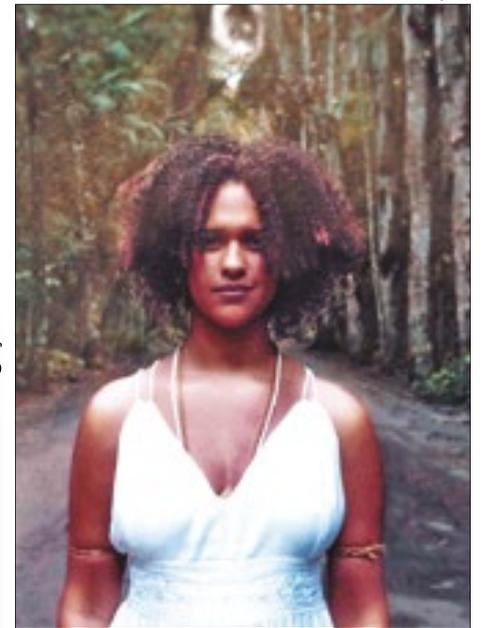
Alguns artistas já gravaram músicas de Luizinho em seus discos, como as cantoras Tânia Bicalho e Marcela Lobbo. Já o

cantor e violonista Renato Braz e a cantora Luhli (da dupla Luli e Lucina) foram convidados a participar de alguns álbuns do artista. O primeiro trabalho de Luizinho, "Nem Tudo Que Nasce É Novo", lançado em 1990, foi descoberto pelos japoneses em 2018 e virou um sucesso de venda no Japão. O álbum conta com 11 faixas, entre elas as músicas "Quando o Sol foi para o Japão" e "Alimento", as pre-

feridas dos japoneses.

"As canções escritas por Luizinho Lopes fogem da banalidade dos dias atuais, flertando abertamente com a consistência do melhor da nossa música popular. Isso, sem cair em meras cópias ou repetições. E este novo álbum equivale a um belo cartão de apresentação para quem ainda não conhece o seu trabalho.", escreveu o jornalista Fabian Chacur, que assina a resenha do disco.

Luan Bento/Divulgação



Quel: alívio com o 1º álbum

Álbum de estreia com muitos convidados

O que a ancestralidade tem a nos dizer em nossa vivência atual? A questão é ponto de partida de "Quem Dirá", primeiro álbum da multiartista Quel, que chega às plataformas digitais.

Com participações de Laila Garin, Maíra Freitas, Jonathan Ferr e Coral Canta Piá, o trabalho combina a voz da jovem cantora e compositora com referências ancestrais e atuais de brasilidade, buscando arranjos percussivos, mesmo para os instrumentos harmônicos.

Composto por sete faixas autorais, conta com quatro produtores musicais: a pianista Maíra Freitas, idealizadora do projeto "Jazz das Minas"; o percussionista Guilherme Kastrup, produtor de "A mulher do fim do mundo", de Elza Soares; o multi-instrumentista Beto Lemos, diretor musical da companhia Barca dos Corações Partidos, e Érica de Paula, que além da parceria na produção musical em todas as faixas, faz a direção musical do álbum marcado pela pluralidade estilística dos arranjos.

"Gravar meu primeiro álbum é um sonho que tenho há bastante tempo. Tentei englobar a pluralidade de estilos musicais que gosto e temas importantes para mim. É um alívio botar tudo isso no mundo, mas também existe o nervosismo na expectativa de saber como esse trabalho, que é tão importante para mim, vai chegar às pessoas", conta.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

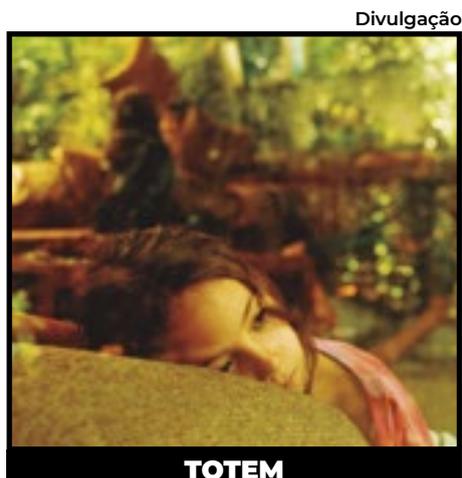
Ao emprestar a tela do Odeon, hoje à noite, para a animação espanhola “Atiraram no Pianista” (“Dispararon Al Pianista”), de Fernando Trueba e Javier Mariscal, o Festival do Rio vai iniciar a maratona de projeções que celebram seus 25 anos de existência e de excelência, com 91 filmes brasileiros na grade. Além da sala da Cinelândia, o evento vai mobilizar várias salas. O Correio da Manhã fez uma lista, numa peneira dos 200 títulos, das atrações que se candidatam a cults.

TOTEM, de Lila Avilés (México): Tocante painel de sororidades, este drama saiu da Berlinale com o Prêmio do Júri Ecumênico, láurea atribuída por entidades cristãs em reação às representações da fé e da solidariedade nas telas. Lila narra o amadurecimento de uma menina de 7 anos em meio a uma festa que antecipa uma morte na família.

BANEL E ADAMA: AMOR OU TRADIÇÃO (“Banel et Adama): de Ramata-Toulaye Sy (Senegal): Existe uma notável ousadia nessa love story da África, terra dos ancestrais de sua diretora, e ela vem de seu flerte com o realismo mágico. Há até uma revoada de aves que inundam o céu com o aviso funesto de uma tragédia. Khady Mane é Banel, jovem que se casa com Adama (Mamadou Diallo) em entender os interditos culturais de seu povo ligados ao benquerer.

MUSSUM, O FILMIS, de Silvio Guindane (Brasil): A maior aposta de fartas bilheterias para o Brasil deste ano. Ganhou sete Kikitos em Gramado, inclusive o de Melhor Filme. Há quem diga que o autor de campeões de bilheteria Paulo Cursino fez aqui seu melhor roteiro, convertendo em ficção os feitos de Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994). Inclua aí sua luta contra a pobreza; a paixão pela Mangueira; o sucesso com os Originais do Samba; e o fenômeno na TV com Didi, Dedé e Zacarias. Ailton Graça vive Mussum na idade adulta.

PUÁN, de María Alché e Benjamín Naishtat (Argentina): Um elenco em estado de graça, com destaque para Marcelo Subiotto, guia uma comédia exuberante sobre ensino na seara da educação universitária pública de nuestros hermanos. Saiu do Festival de San Sebastián com o prêmio de Melhor Roteiro e a láurea de Melhor Atuação, para



Subiotto. Ele tem uma atuação elétrica no papel de Marcelo Pena, professor de Filosofia especializado na obra de Thomas Hobbes e de Martin Heidegger que tem a chance de assumir o posto deixado por seu antigo mestre. Sua vida é confusa, mas suas ideias são brilhantes. Mas o retorno de um apavonado colega de seu passado, Sujarchuck (Leonardo Sbaraglia), tira seus planos e sua paz do eixo. Um estudo sobre a luta diária de educadoras e educadores.

A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Luiz Fernando Carvalho (Brasil): Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e carisma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca

A rota do Redentor

Uma lista de 16 filmes que prometem se tornar hits do Festival do Rio, que inaugura hoje sua edição de 25 anos



da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

CORTA! (“Coupez!”), de Michel Hazanvicius (França): Este terrir em tons cômicos abusa da metalinguagem e se escora no carisma GG de seu protagonista, Romain Duris. Ele encarna um abilolado diretor de cinema que tenta finalizar um longa de zumbis no qual desgastou a paciência toda a equipe e torrou o orçamento. Mas a proposta de libertar uma maldição real de mortos-vivos pode animar seu time.

CELEBRAZIONE, de Luiz Carlos Lacerda (Brasil): Uma carta de amor a esta cidade, ao cinema e, antes de tudo, à transgressão e a Pier Paolo Pasolini (1922-1975). Na praia, o diretor, mais conhecido como Bigode, rodou o momento em que o cineasta italiano, um dos mais revolucionários criadores do audiovisual, à força de cults como “Pocilga” (1969) e “Salò, ou Os 120 Dias de Sodoma” (1975), apresenta

as belezas da cidade à sua amiga, a cantora lírica Maria Callas (1923-1977). Zulma Mercadante vai viver Callas e Erom Cordeiro encarna Pasolini, numa produção pilotada por Cavi Borges em guerrilha absoluta.

OS DE ABAIXO (“Los de Abajo”), de Alejandro Quiroga (Bolívia): Numa temporada de máxima excelência boliviana no circuito mundial de festivais, este faroeste marxista nos leva a um povoado em que escorpiões e capatazes armados têm igual veneno, situado ali pelos vales do sopé da Cordilheira dos Andes, em Tarija, no sul da Bolívia. Lá, Gregório (Fernando Arze Echalar), desafia os coronéis de um país cheio de contradições. Arze conquistou o prêmio de Melhor Interpretação no Festival de Moscou.

ORLANDO, MA BIOGRAPHIE POLITIQUE, de Paul B. Preciado (França): Livros como “Um Apartamento Em Urano” (2020) e “Eu Sou o Monstro Que Vos Fala”



Divulgação

UN AMOR



Divulgação

BANEL ET ADAMA



Divulgação

PUÁN



Divulgação

CORTA!

(2022) fizeram dete cineasta estreante uma grife literária por trás da afirmação identitário dos corpos não binários. Por trás das câmeras, Preciado afirma sua condição de trans, num diálogo - entre narrativa documental e o ensaio - com a obra de Virginia Wolf. Ganhou o troféu Teddy (premição queer de Berlim) e o prêmio especial da mostra alemã Encontros. Sua montagem é um achado.

SÊNeca - A RESPEITO DOS TERREMOTOS (“Seneca – On The Creation Of Earthquakes”), de **Robert Schwentke** (Alemanha): O realizador de “O Capitão” (2017) encantou John Malkovich com sua estética visualmente selvagem quando o ator presidiu o júri de San Sebastian, há seis anos, conferindo prêmio ao realizador. Este, encantado pelo respeito de Malkovich, decidiu oferecer ao astro o papel principal de um filme-ensaio sobre o filósofo, poeta e dramaturgo Sêneca. Trata-se de uma narrativa de tom experimental, centrada no embate do pensador

com o imperador Nero, em Roma. Geraldine Chaplin abrilhanta o elenco.

O PEQUENO CORPO (“Piccolo Corpo”), de **Laura Samani** (Itália): É difícil não pensar na obra de Rossellini, e, sobretudo, no Ermanno Olmi de “A Árvore dos Tamanhos” (Palma de Ouro de 1978) diante dos planos idealizados por Laura, que investe no realismo para, paradoxalmente, dar sustância a uma fábula. O filme viaja no Tempo, até 1900. Lá, o bebê da jovem Agata nasce morto e é condenado ao Limbo, sem receber unções cristãs. Agata ouve falar de um lugar nas montanhas onde crianças natimortas podem ser trazidas de volta à vida com apenas um sopro, para batizá-los e salvar sua alma. Ela empreende uma viagem com o pequeno corpo de sua filha escondido em uma caixa e encontra Linx, um menino solitário que se oferece para ajudá-la. Eles partem para uma aventura que permitirá a ambos se aproximarem de um milagre.

MAL VIVER, de **João Canijo** (Portugal): Um merecidíssimo Prêmio do Júri na Berlimale deste ano há de trazer novos holofotes para um dos mais potentes artesões autorais lusos. Sua arena aqui é um hotel, que nos é apresentado pela perspectiva de suas donas e de suas funcionárias, com destaque para a atuação de Rita Blanco e Anabela Moreira. Um diálogo sobre o interesse de uma jovem em nadar, eletrificado por memórias de suas peraltices d'outrora (um beijinho num colega de piscina), expõe o quão sutil é a carpintaria de escrita de Canijo, interessado em miudezas. São miudezas jamais cicatrizadas que, com o tempo, rasgam-se em feridas existenciais largas demais. A fotografia de Leonor Teles encapa as palavras do cineasta com uma luz austera.

OS IMPACTADOS (“Los Impactados”), de **Lucía Puenzo** (Argentina): Exercício arrebatador de cinema de gênero da diretora de “XXY” (2007). O roteiro explora a hipótese

de que o impacto de um raio pode mudar a psiquê de suas vítimas. É o que vai ocorrer com a veterinária Ada (papel de Mariana Di Girolamo, numa pujante atuação) depois de ser alvejada por uma forte descarga durante uma chuva. Sua mente entra em crise e seu corpo passa a sofrer sintomas de desconforto. Porém, a descoberta de um grupo (quase uma sociedade secreta) de pessoas que se acidentaram com os espasmos elétricos do céu vai empurrar Ada para uma subcultura cheia de mistérios, mas de alta voltagem erótica.

PERFECT DAYS, de **Wim Wenders** (Japão): Em Cannes, o artesão germânico foi ovacionado por essa produção nipônica. Laureado com a Palma de Ouro de 1984 pelo cultuado “Paris, Texas”, o cineasta alemão de 77 anos não alcançava tanta notoriedade com uma ficção desde “O Hotel de Um Milhão de Dólares” (Prêmio do Júri na Berlimale em 2000), dedicando-se mais a documentários, como “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (codirigido por Juliano Salgado, de 2014). Ao filmar em solo japonês, na terra de seu ídolo (o diretor Yasujiro Ozu), ele arranha o status de obra-prima à força de uma poética investigação sobre as belezas simples da vida, narradas a partir do cotidiano de um limpador de latrinas (papel que deu a Koji Yakusho o prêmio de Melhor Ator na Croisette) apaixonado por rock, em fitas K-7. Cannes deu a ela ainda a láurea do Júri Ecumênico.

O VENTO QUE ARRASA (“El Viento Que Arrasa”), de **Paula Hernandez** (Argentina): A diretora de “Lluvia” (2008) levou a Donostia seu longa mais maduro, com base na literatura de Selva Almada. A trama narra a viagem de uma mulher, Leni (Almudena González), com seu pai, o reverendo Pearson (o chileno Alfredo Castro), a uma missão religiosa. Ao perceber a obsessão do religioso por um rapaz, Tapioca (Joaquín Acedo), Leni decide tomar as rédeas de seu destino, fazendo do filme um levante feminista.

UM AMOR, de **Isabel Coixet** (Espanha): Quinze anos depois de sua obra-prima (“Fatal”, que também estreou no Festival do Rio), a cineasta catalã regressa ao universo dos quereres mais incontrolláveis propondo uma adaptação do best-seller homônimo de Sara Mesa. Seu olhar se detém sobre uma ex-bailarina e tradutora (Laia Costa) que se apaixona por um exótico aldeão (Hovik Keuchkerian) ao se mudar para o campo. Hovik ganhou o prêmio de Melhor Atuação Coadjuvante em San Sebastián.

'Agora é hora de partir para novos desafios'

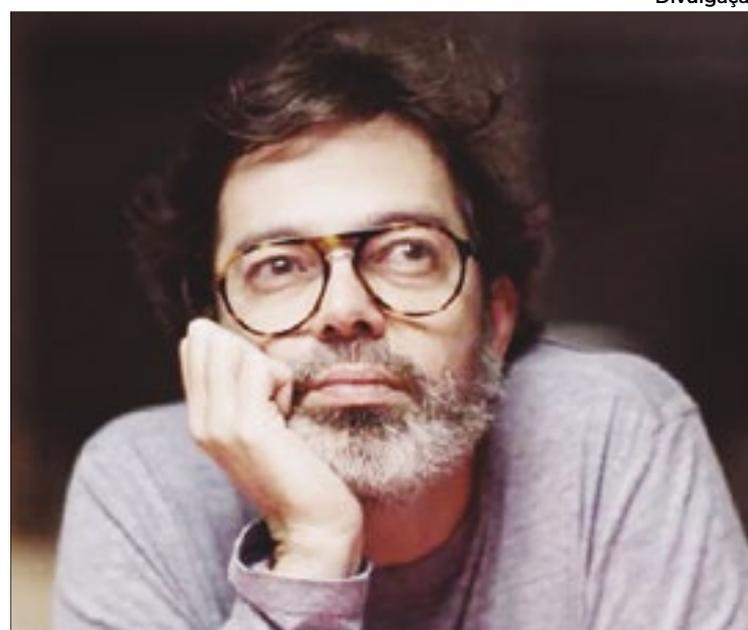
Bruno Mazzeo encerra contrato fixo com a Globo após 38 anos na emissora: 'Nasci aqui dentro'

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Considerado um dos maiores humoristas de sua geração, o ator Bruno Mazzeo não é mais contratado da Globo. O seu contrato fixo se encerrou no último dia 30 de setembro e não foi renovado.

Mazzeo passará a entrar no modelo de contratação por obra certa ou por projetos específicos, algo adotado pela emissora desde o fim da década de 2010.

Mazzeo estava na Globo desde 1985, quando começou como roteirista do Chico Anysio Show, programa apresentado por seu pai no horário nobre da



Divulgação

Bruno Mazzeo postou em suas redes sociais que em breve anunciará novidades a seus seguidores

emissora desde os anos 1960, e que estreou na Globo em 1982.

Também roteirizou atrações como Escolinha do Professor Raimundo (1990-1995), Chico Total (1996), Sai de Baixo (1996-2002), Vida Ao Vivo Show (1998-1999), entre outros.

Na Globo, ganhou prestígio como roteirista em dois projetos. O primeiro em "A Diarista" (2004-2007), onde foi um dos principais nomes de seu desenvolvimento; e em "Cilada", primeiro humorístico do Multishow que fez grande suces-

so na TV por assinatura entre 2005 e 2009.

Seus últimos projetos na emissora como roteirista foram a série "Filhos da Pátria" (2017) e o programa "Diário de um Confinado" (2020), feito durante o auge da pandemia de Covid-19.

Mazzeo também colecionou projetos como ator. Fez novelas como "Beleza Pura" (2008) e "Cheias de Charme" (2012), e humorísticos como Junto e Misturado (2010), e a nova versão da Escolinha do Professor Raimundo (2015-2020), onde interpretou o personagem-título eternizado por Chico Anysio na televisão.

Em sua conta no Instagram, Mazzeo disse que terá novidades em breve. "Não sei dizer quando, exatamente, entrei na Globo. Porque a verdade é que nasci dentro dela. Pois agora é hora de partir para novos desafios! Já já trago (boas) novidades do front", escreveu.

FERNANDO MOLICA



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Baseado em colunas da jornalista Dorrit Harazim, o espetáculo 'Retratos da Alma Brasileira 2019-2022' estreia no Teatro Glauce Rocha

Quais são os atos que nos tornam humanos ou desumanos, morais ou imorais, bondosos ou perversos? O espetáculo "Retratos da Alma Brasileira 2019-2022", que estreia nesta quinta-feira (5) no Teatro Glauce Rocha busca essa reflexão ao adaptar para a cena seis colunas da jornalista Dorrit Harazim, publicadas no jornal O Globo na sessão Opinião, entre janeiro de 2020 e agosto de 2023.

Com idealização e direção de Demetrio Nicolau e dramaturgia de Demetrio Nicolau e Nara Keiserman, a peça põe em evidência eventos de um período que, seja pelas consequências da pandemia ou do governo anterior, trouxe mudanças comportamentais, econômicas e sociais definitivas na história do país e nas relações políticas mundiais.

O espetáculo – selecionado pelo FOCA 2022 – é o segundo projeto do coletivo Delicadas Criaturas, fundado em 2021 pelo diretor Demetrio Nicolau, pelos atores e professores Nara Keiserman e Marcus Fritsch e pelo cenógrafo e figurinista Carlos Alberto Nunes. A ideia do coletivo foi selecionar colunas que partem de um episódio emblemático do período e ampliam a discussão para temas como justiça/injustiça; diversidades/fobias; presas/predadores; e ainda outros que tocam diretamente



Nara Keiserman e Marcus Fritsch em cena no espetáculo 'Retratos da Alma Brasileira 2019-2022', que discute nossa humanidade a partir de episódios recentes que trouxeram mudanças definitivas para a história do país

Dilemas do Brasil recente

nossa humanidade/desumanidade: racismo, machismo, classismo, violências brutais, e assédios diversos.

Entre os devastadores casos retratados, estão o de Genivaldo de Jesus Santos, o sergipano abordado pela PRF por andar de moto sem capacete perto de sua casa, em Umbaúba, que é morto asfixiado dentro do camburão no qual os agentes jogaram spray de pimenta e gás lacrimogêneo; o de Moïse Kabakambe, imigrante congolês morto a pauladas na praia de Barra da Tijuca; e os desaparecimentos e mortes do in-

digenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista britânico radicado no Brasil Dom Philips, quando navegavam pelo rio Itaquai. Na contramão de tantas histórias tristes, o espetáculo também vai lembrar de episódios que resgatam o melhor da nossa humanidade. No elenco, estão Nara Keiserman e Marcus Fritsch (do Delicadas Criaturas) e Dominique Castro, Filipe Gimenez e Ira Rabello (atores convidados).

“As colunas de Dorrit expõem as pequenas e grandes tragédias, nosso pobre e grandioso cotidiano, questões culturais,

raciais e ainda outras de igual urgência que, nas suas palavras ganham contextualização, subjetividades. E principalmente, para este projeto, uma imensa humanidade. Dorrit relata casos reais, narrados do ponto de vista de quem acredita no que ainda resta da nossa humanidade como possibilidade para construção de uma sociedade mais justa, menos vil”, comenta o diretor Demetrio Nicolau.

O coletivo Delicadas Criaturas nasceu da vontade de insistir na delicadeza como a marca das relações interpessoais em níveis particulares e sociais. Há a busca por uma cena que toque em temas fundamentais, tratados de forma afetiva, manifestada nos gestos e nas vozes. Leva-se em conta que a possibilidade de tocar e emocionar o espectador requer uma espécie de suspensão, para que se possa escutar mais devagar, pensar mais devagar, de modo a cultivar a atenção e a delicadeza.

“O jornalismo narrativo de Dorrit encontra eco no teatro

narrativo que o Delicadas Criaturas vem experimentando em suas criações, sendo a Escuta um dos aspectos fundamentais da encenação”, explica o diretor. “Nesta época das visualidades exacerbadas, da visão contaminada pelas telas dos aparelhos eletrônicos, apostamos na Escuta como possibilidade efetiva de comunicação. Na nossa primeira produção, “A minha nossa voz”, a plateia “assistia” contos de Oscar Wilde de olhos vendados. Desta vez, são criadas personas vocais, com ênfase numa dramaturgia musical que forma uma base rítmica e ambiental para os relatos”, completa.

SERVIÇO

RETRATOS DA ALMA BRASILEIRA 2019-2022
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
De 5 a 22/10, às quintas e sextas (19h), sábados (17h e 19h) e domingos (18h).
Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia) e R\$ 10 (sábados nas sessões das 17h)

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.